



Lua Nova

ISSN: 0102-6445

luanova@cedec.org.br

Centro de Estudos de Cultura Contemporânea
Brasil

Mesquita Benevides, Maria Victoria de
Raymundo Faoro, nosso amigo
Lua Nova, núm. 58, 2003, pp. 5-7
Centro de Estudos de Cultura Contemporânea
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67313612002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

RAYMUNDO FAORO, NOSSO AMIGO

MARIA VICTORIA DE MESQUITA BENEVIDES

Modéstia à parte, Raymundo Faoro foi um dos nossos. O conselheiro do autor de *Os Donos do Poder* era, sim, “da casa”: mestre, crítico, colunista, jornalista, colaborador, amigo de todos nós, os pais (e mães!) fundadores e continuadores do CEDEC.

Pouco presente em pessoa, era uma referência constante; o grande historiador, jurista e sociólogo, mas também o publicista notável, que sempre acompanhou, com sua pena certeira e suas intervenções públicas, a política da nação. É bem conhecida sua brilhante atuação quando presidente do Conselho Federal da OAB (1977-1979). Aliás, a OAB adquiriu um papel de peso extraordinário, como fonte e voz da sociedade civil, graças a ele. Tornou-se um dos principais representantes dos que lutaram contra a ditadura, seu interlocutor dos políticos e dos militares, que nele reconheceram um adversário lúcido, corajoso e livre de qualquer projeto político pessoal. Seria óbvio, ficou claro, para todos que o conheceram, sua completa falta de ambição por cargos e honrarias. É importante destacar este dado de sua personalidade, pois não foram poucos os que atribuíram ao seu dinamismo à frente da OAB os mesmos motivos políticos menos nobres, como ser nomeado ministro da Justiça ou membro do STF num futuro governo democrático. Os fatos provam que ele não quis, nem abandonou suas trincheiras de luta contra os arrivistas da “transação transada”.

Quando Luiz Inácio da Silva foi à sua casa convidá-lo para ser o chefe da campanha de 1989, Raymundo recebeu-o de braços abertos e adegas fiéis (gostava muito do líder petista, com quem manteve relações de mútua admiração e amizade até o fim). Mas ponderou: “Lula, sou um homem preguiçoso e amante das boas coisas da vida. Aceitaria, de bom grado, uma embaixada em Viena...desde que vitalícia”.

Apesar de participar, junto com Mino Carta, seu fraternal amigo, da direção das revistas *IstoÉ/Senhor*, *Carta Capital* e do excelente e efêmero *Jornal*

República, era pouco presente em São Paulo. Detestava deixar o Rio de Janeiro, onde morava – com fino gosto (e entre montanhas de livros e víti-
de teatro) –, debaixo do Cristo Redentor, com quem, dizia, muitas vezes
“acertava as contas”, o coração pesado de *ira et studio*. O bairro chamava-se
Cosme Velho, escolhido como se Raymundo Faoro quisesse também os
bucólicos de seu querido Machado, sobre o qual escreveu a obra póstuma
Machado de Assis: A Pirâmide e o Trapézio (livro pouco lembrado, o qual é
uma lástima). Aliás, como o velho bruxo, Raymundo tinha o horror do
“medalhão”. Aceitava nossos convites, no CEDEC ou na USP, mas avisando
estão proibidas as louvações.

A ele o CEDEC muito deve. Seu empenho entusiasmado garantiu, por
exemplo, o primeiro grande Seminário da Abertura no Brasil, em junho
de 1979, com apoio da OAB e patrocínio da Fundação Ford. Organização
conjunta CEDEC-CEBRAP (sob a minha aflita e orgulhosa coordenação, não
culpem-me a vaidade) e realizado na PUC da reitora Nadir Kfoury, este seu
seminário *Direito, Cidadania e Participação* (depois publicado pela editora
T. A. Quieroz) reuniu intelectuais e políticos de todo o país e dos EUA, todos
comprometidos com a instauração de um Estado de Direito Democrático.
Foi um grande sucesso de público e de imprensa e um marco decisivo na história
do CEDEC. A partir de então, nosso pequeno Centro consolidou força e
credibilidade para várias empreitadas, conseguindo apoios acadêmicos e
financeiros no país e no exterior. Daí também se consolidaram projetos
importantes para a identidade do Centro, em torno da cidadania, dos direitos
humanos, da reforma política, dos movimentos sociais.

Raymundo Faoro colaborou em diversas outras ocasiões com o
CEDEC, ora como avalista de projetos, ora como crítico interlocutor em
seminários ou textos, dentre os quais destaco os debates sobre a Constituição
que queríamos nacional, livre e soberana. Foi acompanhando esses debates
que Raymundo Faoro escreveu, convidado por Caio Graco, o belo ensaio
Assembléia Constituinte, a legitimidade recuperada (1986).

Participou, igualmente, de nossas publicações; destaco um original
artigo sobre liberdade de imprensa em nossa primeira revista, a *Revista de
Cultura e Política*, e uma instigante entrevista para *Lua Nova* (“A democracia
que queremos”, no número 5, de 1985).

Apreciava, com evidente espírito de argumentação clássica, o domínio
intelectual de alto nível e assim integrou bancas examinadoras da
Universidade: de Carlos Guilherme Mota, de Gabriel Cohn, de Paulo Sérgio
Pinheiro, de Marco Aurélio Nogueira e de Kátia Mendonça, entre outros.
Weberiano ilustre, da tese de Gabriel gostava de dizer que podia figurar
o que de melhor se escreveu sobre Max Weber... na Alemanha! (Esse

RAYMUNDO FAORO, NOSSO AMIGO

apalavrado para participar da banca de Marco Aurélio Garcia, mas, como sabe, a política vem adiando a defesa do Marco).

Sua figura imponente de origem vêneta (quase dois metros de altura) e o tom muito grave da voz podiam intimidar o recém-chegado. Mas logo percebia que a imensa cultura não atrapalhava o formidável *wit*, o senso de humor inigualável, a começar pelo riso sobre si próprio: “Não tenho a elegância do patriciado paulista, sou um simples gaúcho de Vacaria. Apreendi apenas nos clubes masculinos de Porto Alegre, inglês porque me deslumbrei com Shakespeare, sobretudo as peças políticas, e francês... bem, francês apenas com as fábulas de La Fontaine, e falo como um animal”.

Por iniciativa de Carlos Guilherme Mota foi o primeiro professor visitante do IEA da USP, onde desenvolveu um estudo original publicado com o título *Existe um pensamento político brasileiro?* Gostava do ambiente das colegas, mas me dizia, docemente irônico, para eu não me preocupar porque a CEDEC estaria sempre em primeiro lugar.

É difícil encontrar um personagem de tal envergadura – tão “vitalista da República” – e que seja, ao mesmo tempo, tão simples e generoso. Ao mesmo tempo, o ilustre Raymundo Faoro foi, sem pieguice, um homem bom. Um homem de generosidade pessoal e intelectual, *fortiter in re, suaviter in modo*. Antônio Candido disse, certa vez, referindo-se a Fernando de Azevedo, que um grande intelectual não será, necessariamente, um grande homem público e que seu mestre Azevedo fora ambos. Podemos dizer o mesmo de nosso mestre e amigo Raymundo Faoro.

Raymundo Faoro foi um gaúcho-italiano à moda antiga, que não temia uma boa briga nem cultivar os inevitáveis inimigos, mas mantinha sempre a exigência de honra, lealdade e caráter que, segundo ele, bebera no leite materno (as histórias que contava sobre a mãe Maria Luiza dariam origem ao romance de Érico Veríssimo). Pode ter sido, por isso, mal compreendido por alguns adeptos da modernidade deslumbrada e do “politicamente correto”. Tudo isso é bobagem. Raymundo Faoro foi, simplesmente, um homem honesto, gro, inteligente e encantador.

Uma saudade danada.

MARIA VICTORIA de MESQUITA BENEVIDES é ... Modé
parte, Maria Victoria é uma das no

RESUMOS/ABSTRACTS

RAYMUNDO FAORO, NOSSO AMIGO

MARIA VICTORIA DE MESQUITA BENEVIDES

Fundadora e participante de primeira hora do CEDEC evoca a figura do grande intelectual morto recentemente.

Palavra-chave: Faoro, Raymundo.

RAYMUNDO FAORO, OUR FRIEND

A founder and longtime member of CEDEC evokes the figure of the recently deceased great intellectual.

Keyword: Faoro, Raymundo